

## Álvaro de Campos foi à Cooperifa

*Marcio Vidal*

Chegou cedo e viu o bar vazio  
Pedi uma bebida, um conhaque.  
Lembrou que estava numa terra  
Dantes lusitanas; conquista das grandes.

Atravessou o mar, sentia medo de avião.  
Não acreditava ser seguro o homem voar.  
Lembrou-se das riquezas que sua terra  
Fez com aquele lugar, agora não  
Pertence mais a ninguém.

Nem a Portugal, nem aos brasileiros,  
Terra sem dono.  
Relutara em vir  
Quando soube que era na periferia.  
Tinha lido como o Brasil trata  
A população periférica e ficou com medo  
De ser confundido com algum morador.

Veio porque sua essência  
Suas raízes se misturam,  
Inclusive, aos moldes ingleses,  
Isso o livraria de todo o mal.

19h30

Algumas pessoas começam a chegar  
Duas mulheres, doces senhoras,  
Que chegam e o cumprimentam,  
Isso lhe causa espanto.  
Quem cumprimenta um desconhecido?

O local é um bar típico de favela  
Pela fama achou que seria mais bonito,  
Pinturas desgastadas, mesas grudadas.  
As paredes que vão de encontro à rua  
Não existem, são grades, como se fosse uma jaula.

Próximo ao balcão, uma estante de livros  
Que se amontoam sem nenhuma ordem.  
Na parede dois destaques, duas camisetas emolduradas;  
Uma com uma árvore escrita, 1a Semana de Arte Moderna da Periferia, algo  
semelhante ao que ouviu falar na década de 1920 sobre o Brasil, em Portugal;  
A segunda é uma camisa da seleção brasileira de futebol,  
assinada pelo Rei, que não era Sebastião, mas sim, Pelé.

Quando dá por si, não há mais lugares vazios,  
O bar está inteiramente ocupado.  
Pessoas de todos os tipos,  
Brancos, pretos, pardos, ruivos, amarelos,

Isso o espanta, pois nunca tivera em um lugar assim,  
Onde essas raças se misturam.

20h20

Muitas pessoas o cumprimentaram  
Sem ao menos saber quem ele era  
É como se fosse dali, há tempos,  
Como se pertencesse ao lugar.

Uma pessoa vai ao microfone  
Agradece a presença de todos  
E relata que todos são bem-vindos.  
Como todos podem ser bem-vindos?

O líder, o poeta, Sérgio Vaz,  
Chama um grito de ordem  
Todos os acompanham:  
“Povo lindo, povo inteligente é tudo nosso,  
Uh, Cooperifa, Uh, Cooperifa, Uh, Cooperifa”.

Uma sensação estranha  
O sangue que corre em minhas veias  
Ferve, uma adrenalina toma conta,  
É como se algo mágico fosse acontecer.

Chamam o primeiro poeta,  
Jorge Esteves, ele é aplaudido,  
Calorosamente, como se fosse uma estrela.  
Seu poema fala do homem comum  
Que migrou para tentar a sorte  
Na cidade grande.

Assim, vai seguindo,  
Outros poetas são chamados,  
Lorival, Cocão, Lu Souza,  
Rose Dória, Márcio Batista,  
Marcio Vidal, Fuzzil, Elizandra,  
Viviane, Jairo, todos são tratados iguais.

Até que uma senhora é chamada,  
Dona Edite, todos fazem um barulho  
Estrondoso. A senhora que é cega  
Recebe auxílio até o microfone,  
Lá recita o poema “Navio Negreiro”,  
Neste momento confesso que vi A magia da poesia.

Senti algo novo, eu,  
Álvaro de campos,  
Engenheiro, viajado,  
Nunca vi, nem senti  
Qualquer coisa parecida.  
Confesso que uma lágrima escorreu,  
Chorei.

Chorei a dificuldade de ver  
Tão distante das glórias lusitanas de outrora  
A poesia viva.

Descobri porque escrevo.  
O poeta “more”, Sérgio Vaz,  
Chama-me, os aplausos  
São os mesmos efusivos e festivos.

Vou à frente, posto-me ao microfone,  
Sinto-me trêmulo, nunca fiquei assim  
Diante de qualquer público,  
Nem do próprio Fernando.

Início o poema Tabacaria  
E percebo meu coração  
Disparado, uma felicidade,  
Um nervosismo.

Na metade do poema  
Estou mais nervoso  
E não consigo mais falar.  
Todos os presentes se levantam  
E batem palmas, assoviam, gritam...

As lágrimas dessa vez são maiores,  
Sinto-me abraçado,  
Olho e vejo Sérgio Vaz ao meu lado,  
Ele pede aplausos, aplausos,  
No final, um coro:  
Uh, Cooperifa, Uh, Cooperifa,  
Uh, Cooperifa, Uh, Cooperifa...